

INTRODUÇÃO

RUI MANUEL LOUREIRO*

Os contactos sistemáticos dos portugueses – e logo depois de outros europeus – com o mundo asiático, que se iniciaram nos últimos anos do século XV, tiveram repercussões vastíssimas para todas as partes envolvidas. A Europa, pela primeira vez, tinha acesso directo à Ásia, sem intermediações de qualquer espécie, exceptuando um primeiro momento de ajustamentos linguísticos, durante o qual foi necessário recorrer aos serviços de intérpretes locais. Os europeus podiam viajar mais ou menos livremente pelos vastos espaços orientais, observando em primeira mão as terras, os rios e os mares, a diversidade das gentes e das respectivas práticas culturais, as regularidades climáticas, o ordenamento urbano e a paisagem humanizada, as produções artesanais e o mundo natural. Ao longo dos séculos XVI e XVII, mundos novos vão-se abrindo perante o olhar espantado e indagador dos observadores europeus.

Em anos recentes, os múltiplos e profundos intercâmbios euro-asiáticos que tiveram lugar no dealbar da modernidade, e que estão na génese do processo de globalização ainda em curso, têm sido investigados de forma cada vez mais alargada e sistematizada. Temas como as navegações oceânicas dos europeus, os tráficos mercantis que se estendem à escala planetária, as visões recíprocas de povos que mutuamente se desconheciam, as estratégias de domínio político e militar, as representações artísticas e culturais, os

projectos de difusão religiosa, têm merecido a atenção continuada de investigadores e de especialistas. Pelo que dispomos hoje de uma extensíssima bibliografia sobre os primeiros encontros / desencontros entre europeus e asiáticos. Contudo, neste universo temático, sempre existirão zonas de penumbra, a necessitar de estudo e de reflexão, às vezes de mera revisão.

Assim, *Revista de Cultura*, na busca de caminhos inovadores no domínio da investigação e da difusão do impacto dos europeus na Ásia e do impacto dos mundos asiáticos na Europa, lançou um desafio a um conjunto alargado de investigadores, sediados nos mais diversos pontos do globo e oriundos das mais variadas posições institucionais, para, de forma pessoal e na linha de pesquisas anteriormente desenvolvidas, estudarem uma temática específica. O campo escolhido, “Os viajantes europeus e o mundo natural asiático”, convocava necessariamente áreas relacionados com a literatura de viagens, com a botânica e com a matéria médica. Com efeito, e desde 1500, muitas são as figuras europeias que reflectem demoradamente sobre as novidades do mundo natural que se estendia para leste do cabo da Boa Esperança e que produzem escritos mais ou menos inovadores, mais ou menos extensos, alguns conhecendo a fortuna da edição impressa, outros permanecendo inéditos nos gabinetes e arquivos especializados. Arrolam-se produtos, descrevem-se características, estudam-se analogias, experimentam-se utilizações, definem-se propriedades. O estudo do mundo natural asiático pelos europeus assume por vezes características revolucionárias, já que amiúde se torna necessário reavaliar as lições dos botânicos e

* Doutoramento em História pela Universidade de Lisboa. Actualmente ligado à Câmara Municipal de Lagos e ao Centro de História de Além-Mar, publicou já diversas obras sobre as relações de Portugal com a Ásia no início da Época Moderna.

médicos ocidentais clássicos, face às incríveis novidades colhidas no terreno. Se o conhecimento do mundo natural oriental se aprofunda vertiginosamente, com a redacção de relatos de viagem, de sumas geográficos ou de tratados especializados, as práticas europeias no domínio médico também se alteram significativamente no contacto com a Ásia, através de fenómenos de imitação e de simbiose.

As respostas recebidas por *Revista de Cultura* ao desafio lançado, na sua riqueza temática e na sua variedade metodológica, testemunham as inesgotáveis potencialidades do assunto proposto aos investigadores. Com efeito, ao longo de dois números sucessivos, vários tipos de estudos serão apresentados à consideração dos leitores.

Por um lado, alguns investigadores optaram por isolar um determinado autor ou um conjunto coerente de autores, analisando os reflexos do mundo natural asiático na(s) respectiva(s) obra(s). Marília dos Santos Lopes escolheu analisar as relações entre a obra de Garcia da Orta, que em 1563 publicou em Goa os celeberrimos *Colóquios dos simples e drogas das Índias*, e os escritos do seu divulgador flamengo Carolus Clusius, que nas décadas seguintes deu a conhecer ao público europeu, em língua latina, as novidades asiáticas recolhidas na Índia pelo médico português. Teresa Nobre de Carvalho, por seu lado, centrou-se na esquecida figura de Cristóvão da Costa, médico e naturalista luso-africano (que frequentemente passa por espanhol), que depois de um longo período de residência na Índia publicou em Burgos, em 1578, um *Tratado das drogas e medicinas das Índias Orientais*, que complementava e aprofundava as pesquisas anteriores de Garcia da Orta. O investigador Arie Pos, na sequência de importantes estudos que vem dedicando ao viajante e escritor neerlandês Jan Huygen van Linschoten, analisa a secção botânica do seu conhecidíssimo *Itinerário*, extenso compêndio de viagens que foi publicado em Amesterdão em 1596, revelando ao público culto das regiões meridionais da Europa muitos dos segredos asiáticos que até então se mantinham na posse exclusiva dos portugueses. Dejanirah Couto, por seu lado, retoma a personagem do médico-viajante Jean Mocquet, que no início do século XVII viajou até à Índia, analisando os escritos de viagem preparados pelo médico de Henrique IV, de França. Enfim, Ines G. Županov revisita um dos menos conhecidos orientistas que passou ao Oriente,

o missionário e naturalista Paulinus a S. Bartholomaeo, de origem croata, autor de uma vastíssima produção livresca dedicada às coisas asiáticas, que na segunda metade do século XVIII passou pela Índia.

Um segundo grupo de investigadores escolheu um caminho distinto, preferindo estudar um produto asiático específico e buscando nas antigas fontes europeias testemunhos significativos sobre a observação, a utilização e a divulgação desse produto natural. No fundo, trata-se também de uma aproximação “biográfica”, agora de outro género. Assim, Peter Borschberg, na sequência de valiosos estudos que vem dedicando a outras drogas asiáticas de luxo, analisou os vestígios do comércio e dos usos médicos da célebre raiz-da-china, que a partir de cerca de 1530 começou a ser amplamente divulgada pelos portugueses, na sequência dos contactos que foram estabelecendo com o litoral da China.

Por fim, um terceiro grupo de investigadores adoptou abordagens mais sistémicas, analisando problemas mais latos e de mais largo alcance, no âmbito das interacções euro-asiáticas motivadas pelos contactos com o mundo natural. Michael Pearson, num longo e documentado estudo, trata das relações entre as práticas médicas europeias e indianas, abordando sucessivamente as formas de exercício de medicina na Eurásia antes de 1500, a situação na Índia em termos de saúde pública no período dos alvares da modernidade, e o caso específico das doenças prevalentes em Goa e dos meios desenvolvidos para as combater. Noutro ensaio geral, Jurrien van Goor analisa as relações entre o comércio, a pesquisa científica e a ciência nos estabelecimentos neerlandeses na Ásia, a partir das primeiras décadas do século XVII.

Estamos, pois, perante um número de *Revista de Cultura* de inegável interesse, que convoca assuntos, personagens e contextos que têm sido algo descurados pela historiografia europeia nos últimos anos, graças aos contributos de um vasto leque de colaboradores especializados. Os diferentes estudos incluídos nesta edição – e também no próximo número que desenvolverá a mesma lógica temática – configuram uma abordagem alargada, diversificada e multidisciplinar ao tema de capa, “Os viajantes europeus e o mundo natural asiático”. Mais um contributo que se pretende criativo, rigoroso e original, para um melhor conhecimento dos múltiplos aspectos do relacionamento entre a Ásia e a Europa no período que se seguiu à viagem histórica de Vasco da Gama. **RC**

INTRODUCTION

RUI MANUEL LOUREIRO*

The systematic contacts with the Asian world by the Portuguese, beginning in the last years of the 15th century, and soon after followed by other Europeans, had major repercussions for all parties involved. For the first time, Europe had direct access to Asia, without intermediaries of any kind, except for the services of local interpreters during the initial period of linguistic adjustment. Europeans could travel more or less freely throughout the vast Orient, observing at first hand the lands, rivers and seas, the diversity of its peoples and their respective cultural practices, climate patterns, the urban and human landscapes, handmade products and the natural world. Throughout the 16th and 17th centuries, new worlds were being opening up to the astonished and inquiring gaze of European observers.

In recent years, the extensive far-reaching exchanges between Europe and Asia that took place at the dawn of the modern era, and which underpin the current process of globalisation, have been investigated in a progressively wider and more systematic fashion. Themes such as ocean navigation by the Europeans, the mercantile traffic that extended on a planetary scale, the reciprocal visions of peoples who knew nothing of each other, strategies for political and military dominion, artistic and cultural statements, projects for religious diffusion, have deserved the

continued attention of researchers and specialists. For this reason we now have an extensive bibliography on the early convergences/divergences between Europeans and Asians. However, areas of relative obscurity have always existed in this thematic universe, and there will always be the need for further study and reflection or, sometimes, merely revision.

In search of innovative avenues in the domain of research and dissemination on the impact of Europeans on Asia and the Asian world on Europe, *Review of Culture* threw down the gauntlet to a broad group of researchers, based in the most diverse parts of the globe and coming from a variety of institutional stances, to examine a specific theme in a personal way and along research lines previously developed. The chosen field, "European travellers and the Asian natural world" necessarily suggests areas related to the literature of these pioneer voyages, coupled with botanical and medical questions. In effect, since 1500, many European figures have reflected in depth on the novelties found in the natural world extending east from the Cape of Good Hope. They produced more or less innovative writings, some enjoying the good fortune of being printed, whilst other editions remained unpublished in private studies and specialized archives. In them products were listed, characteristics described, analogies studied, uses experimented and properties defined. At times the study of the Asian natural world assumed revolutionary proportions for the Europeans, who had frequently to re-evaluate the lessons of classical western botanists and doctors when confronted with the incredible novelties gathered

* Holds a Ph.D. in History from the Universidade de Lisboa. Currently attached to the Câmara Municipal de Lagos (Portugal) and also to the Centro de História de Além-Mar in Lisbon, he is the author of several dozen titles on Portuguese interactions with Asia in the early modern period.

from these lands. If knowledge of the oriental natural world deepened radically with the publication of these travelogues, geographical abstracts and specialized treatises, European medical practice also changed significantly in contact with Asia, through processes of imitation and symbiosis.

The thematic wealth and methodological variety of the responses received by *Review of Culture* testifies to the inexhaustible potential of the subject proposed to the researchers. Indeed, various types of studies will be presented for the readers' appreciation along two consecutive issues.

Some researchers opted for isolating a certain author or a coherent group of authors, analysing their contemplation on the Asian natural world in the respective work(s). Marília dos Santos Lopes chose to analyse the relation between the work of Garcia da Orta, who published the famous *Colóquios dos simples e drogas das Índias* [Colloquies on the Simples and Drugs of India] in Goa, in 1563, and the writings of his Flemish publisher Carolus Clusius, who in the following decades reproduced in Latin the Asian novelties gathered in India by the Portuguese doctor and distributed them across Europe. Teresa Nobre de Carvalho focused on the forgotten figure of Cristóvão da Costa, doctor and Afro-Portuguese naturalist (frequently taken for Spanish), who after a long period of residence in India published *Tratado das drogas e medicinas das Índias Orientais* [Treatise on the Drugs and Medicines of the East Indies] in Burgos, in 1578, complementing and deepening the previous researches of Garcia da Orta. The researcher Arie Pos, in the sequence of important studies dedicated to the traveller and Dutch writer Jan Huygen van Linschoten, analyses the botanical section of his well-known *Itinerary*, an extensive summary of his journeys published in Amsterdam in 1596, revealing to the cultivated public of southern Europe many of the Asian secrets that until then had remained the exclusive prerogative of the Portuguese. Dejanirah Couto takes up the character of the travelling doctor Jean Mocquet, who in the early 17th century travelled to India, analysing the travel writings of the personal physician to the King of France, Henry IV. Finally, Inês G. Županov revisits one of the less well-known Orientalists, the missionary and naturalist Paulinus a S. Bartholomaeo, of Croatian origin, author of a wide range of books devoted to Asian matters, who visited India in the second half of the 18th century.

A second group of researchers chose a different path, preferring to study a specific Asian product and seeking significant witnesses in European sources to the observation, use and popularisation of that natural product. It is, after all, a “biographical” approach in another register. Peter Borschberg, who has already produced several valuable studies on other luxury Asian drugs, analyses the vestiges of the trade and medical uses of the celebrated China root (*smilax Chinae*), which, from about 1530, began to be made known by the Portuguese as a consequence of the contacts they established on the China coast.

Finally, a third group of researchers adopted a more systematic approach, analysing broader problems with wider implications, in the context of Euro-Asian interactions motivated by contacts with the natural world. Michael Pearson, in a long and well-documented study about the relation between the practices of European and Indian doctors, approaches the forms of medical practice in Eurasia before 1500, the situation in India in terms of public health in the period at the dawn of modernity, and the specific case of the diseases prevalent in Goa and the means developed for combating them. In another general essay, Jurrien van Goor analyses the relationship between trade, scientific research and science in Dutch establishments in Asia, in the first decades of the 17th century.

This issue of *Review of Culture* brings together contributions from a variety of specialized authors, raising subjects, characters and contexts that have been somewhat neglected by European historiography in recent years. The different studies included in this edition—which will continue along the same thematic lines in the next issue—constitute an extended, diversified and multidisciplinary approach to the cover theme, “European travellers and the Asian natural world.” It is intended to be creative, thorough and original, contributing to a better understanding of the many aspects of the relationship between Asia and Europe in the period that followed the historic voyage of Vasco da Gama. **RC**